

WALTER KIRN

Quando a máscara cai

*A verdadeira história do homem que fingiu
ser um Rockefeller*

Tradução

Sergio Tellaroli

Copyright © 2014 by Walter Kirn
Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Titulo original

Blood Will Out: The True Story of a Murder, a Mystery, and a Masquerade

Capa

Claudia Espinola de Carvalho

Foto de capa e p. 2

Polícia de Boston via Getty Images

Preparação

Cláudia Cantarim

Revisão

Valquíria Della Pozza

Mariana Zanini

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kirn, Walter

Quando a máscara cai : A verdadeira história do homem que
fingiu ser um Rockefeller / Walter Kirn ; tradução Sergio Tellaroli
— 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2015.

Titulo original: Blood Will Out ; The True Story of a Murder,
a Mystery, and a Masquerade.

ISBN 978-85-359-2585-2

1. Assassinos — Estudo de casos — Estados Unidos
2. Impostores e impostura — Estados Unidos — Estudo de casos
- I. Título.

15-02019

CDD-364.152309223

Índice para catálogo sistemático:

1. Assassinos : Estados Unidos ; Estudo de casos 364.152309223

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

1.

Naquele momento, me pareceu um gesto nobre, e eu estava a fim de uma aventura. No verão em que minha mulher estava grávida de nosso primeiro filho e o presidente Clinton deslizava rumo a um impeachment, me ofereci para levar de carro um cachorro aleijado de Montana — onde ficava a minha casa e onde benfeitores da Humane Society local cuidavam dele — até o apartamento nova-iorquino de um jovem rico, um Rockefeller, que havia adotado o bicho pela internet.

O nome dele era Clark, e nós nos conhecemos por telefone. Fiz a ligação como um favor a minha mulher, Maggie, presidente da Humane Society, que tentava ajudar Harry e Mary Piper, o casal que resgatara a pobre criatura depois de ela ter sido atropelada por um carro. Os dois pagaram a cirurgia que salvou a vida do animal — uma cadela —, arranjaram-lhe um tratamento alternativo chamado Reiki e a ensinaram a usar uma cadeira de rodas cujos pneus faziam as vezes das patas traseiras, paralisadas. Herdeiros de um banco de Minnesota e devotos da Igreja Episcopal (Mary se preparava para se tornar pastora), os Piper haviam nos

convidado para jantar, a mim e a Maggie, e falado sobre sua dificuldade para levar a cadela até a Costa Leste. Devido à condição delicada em que ela se encontrava, tinham receio de confiá-la a um voo comercial normal, e, embora Clark tivesse dito que possuía um jato particular, a aeronave, segundo ele, estava na China com sua mulher, Sandra, consultora internacional de negócios. Ao ouvir aquilo, ofereci-me como intermediário, em parte numa tentativa de mitigar minha consciência pesada. Isso porque, alguns meses antes, eu atropelara e matara com minha caminhonete um dos cachorros sob a proteção de Maggie. Mas outra razão, bem diferente, me levava a querer falar com Clark: eu era um escritor e, mais importante que isso, um escritor entre um livro e outro. Meu palpite era de que iria conhecer uma nova personagem.

Clark deu início à nossa primeira conversa telefônica contando-me a história da adoção. Disse que ficara sabendo da cachorra, cujo nome era Shelby, por intermédio de um site que se dedicava a encontrar novos donos para cães abandonados da raça setter gordon, elogiada por ele por sua ligação com a realeza britânica e pelo temperamento saltitante e entusiástico. Soube de imediato que queria a cadela para si, disse, e desde então vinha trocando e-mails com os Piper, na tentativa de convencê-los de que ela deveria ser sua. O prédio onde morava ficava a apenas um quarteirão do Central Park, o que significava que Shelby teria espaço suficiente para se exercitar e “caçar esquilos pela manhã”. Além disso, acrescentou, no apartamento logo abaixo do seu morava um “dos melhores veterinários acupunturistas” de Manhattan, com quem já havia inclusive trocado ideias sobre o bichinho. Sentia-se confiante de que, com a ajuda do vizinho, Shelby se recuperaria por completo.

— Infelizmente, isso é pouco provável — disse-lhe. — A espinha dela foi esmagada. Não sei se você sabe, mas é possível que, antes de ser atropelada, ela tenha levado um tiro.

— Você já se tratou com acupuntura?

— Bom, não, nunca — balbuciei.

— Então você desconhece a magia de que ela é capaz.

A conversa telefônica durou mais de uma hora e arruinou meu dia. Naquela manhã, eu tinha de entregar uma matéria para a revista *Time*. Por isso, em meu pequeno escritório localizado em cima de uma loja de roupas de caubói, eu trabalhava na transformação de um amontoado de anotações ainda cruas, produzidas por vários correspondentes freelancers espalhados pelo país, em um artigo inteligível sobre algum tópico de sociologia barata — violência na TV, filhos de pais divorciados ou coisa do tipo. Era assunto que seria difícil tratar em cem páginas, mas do qual eu tinha de dar conta em apenas quatro. Não gostava muito daquele trabalho, porém, à época, eu precisava desesperadamente de dinheiro porque tinha acabado de contrair um empréstimo de meio milhão de dólares para comprar uma fazenda de cerca de duzentos hectares, dezesseis quilômetros ao norte da cidade de Livingston, uma propriedade situada “à sombra das Crazy Mountains”, nas palavras de um poético corretor de imóveis. O lugar era uma pitoresca ruína de cercas despencando, pastagens exauridas e currais aos pedaços, com seus campos de feno irrigados por canais rasos, crivados de tocas de cascavéis e buracos feitos pelos texugos. A casa tinha uma cozinha com um vaso sanitário à vista, não muito longe da pia, e o andar de cima estava abandonado e havia sido lacrado com tábuas. Eu comprara a propriedade para realizar o sonho de levar uma vida autossuficiente no campo, mas estava descobrindo que pagar por ela implicaria trabalhar mais do que nunca e aceitar trabalhos bem mais medonhos do que eu era capaz de suportar. A parte mais assustadora disso tudo era que meu empréstimo — um contrato particular com o antigo dono da fazenda, um ortopedista de Billings — estipulava que eu poderia perder tudo, caso deixasse de efetuar o pagamento de uma única parcela mensal.

Clark foi quem mais falou durante nossa conversa telefônica. Contou-me um bocado sobre si mesmo e, sem poder ver seu rosto, era difícil dizer se estava falando a verdade, se não estava brincando ou exagerando. Disse que não havia feito o ensino médio, que colecionava arte moderna e que a achava feia: “Mero vômito sobre tela”. Contou ainda que só comia pão feito por ele próprio e que tinha outro setter, chamado Yates, provido generosamente de refeições completas, constantes de três pratos e preparadas com ingredientes frescos por seu chef particular. Depois, pediu o número do meu fax para que pudesse me enviar as receitas.

— Você anota mesmo essas receitas? — perguntei.

— Meu pessoal faz isso — ele respondeu.

Enquanto eu aguardava o fax, bebendo café gelado à minha mesa de trabalho superlotada, e ignorava o insistente bipe do meu telefone (eram os editores da *Time* que tentavam falar comigo), perguntei a Clark o que ele fazia. Meu palpite era de que não fazia nada na vida.

— No momento, sou uma espécie de presidente freelancer de banco central — ele disse.

Pedi que me explicasse melhor.

— Imagine o montante total de dinheiro de um país como um lago ou um rio adiante de um dique. Pois eu sou o guardião desse dique. Eu decido quanta água deve passar pelas turbinas, a que velocidade e por quanto tempo. O truque é deixar passar água suficiente para alimentar e sustentar a agricultura do país, sem deixar que inunde e afogue a plantação.

— Para que países você faz isso? — perguntei.

— No momento? Para a Tailândia.

— É uma responsabilidade enorme.

— É divertido.

— E, antes da Tailândia, para que outros países?

— Isso é segredo.

— Não deve ser uma profissão comum.

— Foi a gente que inventou. Minha empresa, quero dizer, a Asterisk.

Ele falava numa espécie de staccato, com certo sotaque internacional, e de vez em quando se saía com palavras que pareciam adornar com um laço o que estava dizendo, como “outrora” ou “impropriedade”. Imaginei que aquele seu comportamento peculiar fosse fruto de uma criação extremamente isolada. Lembrava-me de ter conhecido gente como ele na faculdade, em Princeton — excêntricos com pedigree, presunçosos que haviam estudado demais e falavam como se fossem primos de Katharine Hepburn. Eu, contudo, tinha sido criado no interior de Minnesota, em fazendas de laticínios que cheiravam a estrume, e nunca consegui me aproximar dessas pessoas. Seus clubes não me aceitavam, eu não praticava os mesmos esportes que elas e as achava um tanto repugnantes fisicamente, com seus cabelos que, tão cedo, já iam ficando ralos e sua pele delicada e rosada. Mais tarde, quando estudava em Oxford com uma bolsa de estudos, eu acabaria conseguindo me enturmar com seus equivalentes britânicos, até mesmo com o irmão mais novo da princesa Diana, mas somente porque, para eles, eu era novidade, uma diversão vulgar vinda do Novo Mundo. Quando saí de Oxford, ainda passei vários meses em Londres, fazendo trabalho de escritório para uma pequena firma de advocacia e barbarizando com uma rapaziada festeira e nobre. Na verdade, não conseguia acompanhá-la. As corridas de táxi, as contas nos bares... Acabei voltando para os Estados Unidos e arrumei emprego na *Vanity Fair*, onde escrevia manchetes engraçadinhas para matérias bobas sobre o estilista italiano que desenhava os vestidos de Nancy Reagan ou sobre as obras de caridade da mulher do Sting. O problema foi que meu chefe não gostava que eu ficasse em casa, em vez de me atirar na vida social, e, um ano depois, fui demitido.

Clark, no entanto, pareceu gostar de mim, e parecia querer também que eu gostasse dele. Quando o menu canino começou a surgir pouco a pouco no meu fax, fiquei convencido daquela sua avidez.

2 canecas de arroz integral recém-cozido

1 legume verde (normalmente abobrinha) ralado no processador

1 legume amarelo (em geral cenoura) ralado no processador

1 dente de alho moído

500 g a 1 kg de carne moída fresca

ou 500 g a 1 kg de frango ou peru cozido e desfiado

ou 1 lata de salmão

algas em pó, 1 colher de sopa de levedura, um pouco de farinha de osso, 2 colheres de sopa de gérmen de trigo e um pouco de pólen

Ao ler aquele documento ensandecido e meticuloso, resolvi que, havendo oportunidade, queria conhecer Clark em carne e osso. Se não tentasse, estaria, como romancista, incorrendo em prática negligente da minha profissão.

Mas ele ainda não terminara de tentar me impressionar. Como se acreditasse que tal informação carimbaria suas credenciais como pai adotivo da cadela, contou-me a seguir que era vizinho de Tony Bennett e que, através das paredes, podia ouvi-lo ensaiar à noite. Disse-me que tinha diplomas de Harvard e Yale, onde estudara economia e matemática. Acrescentou que era capaz de encaixar a letra de qualquer canção que eu quisesse na melodia do tema de abertura de *A ilha dos birutas* e, a título de demonstração, pôs-se a entoar a letra de uma canção de Cole Porter. Depois, confidenciou-me ter ouvido de certas “fontes” que o príncipe Charles e a rainha tinham assassinado a princesa Diana com a ajuda de uma tropa de elite; ouvira também, em conversa com um amigo íntimo (o almirante da Sétima Frota), que a República Popular da China e os Estados

Unidos tinham acabado de assinar um acordo secreto que permitia aos comunistas invadir Taiwan quando bem entendessem, sem nenhuma oposição.

— É o grande tema do próximo século: o Lebensraum chinês — disse. — Estamos de volta à década de 1930, antes da guerra, e a coisa não vai acabar bem. Prepare-se, Walter, estou lhe avisando.

— Como? — perguntei.

— Pois é...

— Não, estou falando sério: me preparar como? Porque, para ser sincero, eu concordo com você, pelo menos em parte.

— A parte da China?

— Também vejo essa tendência a um conflito global.

— Olhe, logo, logo, vai acontecer o seguinte — Clark começou. — O Japão vai ser a porta de entrada do novo Império Chinês, cujo poder vai se expandir até a Austrália e a Nova Zelândia. Nós, como uma potência que encolheu, vamos recuar para o Haváí, e uma nova ordem tomará conta do hemisfério. Com o tempo, à medida que nos submetemos aos interesses do Oriente, seremos obrigados a renunciar a nossas alianças ocidentais. Na verdade, isso já está acontecendo. Só não foi ainda amplamente divulgado.

Quando comentei com ele que eu escrevia resenhas para a *New York Magazine*, Clark me contou que, poucos dias antes, ele próprio havia resenhado um livro pela primeira vez, na Amazon. Ainda ao telefone, mostrou-me como chegar ao texto e insistiu que eu o lesse de imediato, no computador. O livro em pauta era *Conversando com Deus*, e a resenha tinha por título “Sai da frente, L. Ron Hubbard, que lá vem Neale Donald Walsch”, autor da obra em questão. O tom grandioso, crítico, superior, mal combinava com a prosa de segundanista de faculdade:

Neale Donald Walsch, um autor com claro complexo de superioridade, acredita ser o porta-voz de Deus em uma conversa imaginária

recheada de “Eus” em maiúsculas [...]. Escrito em formato de perguntas e respostas, com palavras e frases que nem mesmo Hemingway seria capaz de encurtar, o livro deve atrair a atenção dos semi-letrados. Sua filosofia do tipo “Faça o que você achar que é certo” há de oferecer a qualquer um justificativa suficiente para um estilo de vida baseado no amor livre da década de 1960. Na minha passagem preferida, à página 61, Deus afirma, por intermédio do sr. Walsch, que “Hitler foi para o céu”.

— O livro parece ruim — comentei ao terminar de ler.

— Mas o que você achou da resenha?

Existem assuntos sobre os quais sou incapaz de mentir e, por isso, tentei ser diplomático:

— Bom, é vigorosa.

A conversa, então, finalmente se encaminhou para o problema da cachorra. Clark lamentou o fato de seu avião não estar disponível e deixou claro que não dirigia. Perguntou-me se Shelby não podia ser posta num trem, e eu lhe disse que o transporte por trem levaria dias e não era confiável. Isso se a companhia ferroviária realmente transportasse animais. Em seguida, dei a ideia de contratarmos um serviço de *courier*. Ofereci-me para procurar uma empresa do ramo, negociar um preço e tomar todas as providências necessárias.

— Acho que não vai funcionar — ele disse.

Perguntei-lhe por que não.

Clark me respondeu com uma enorme ladainha acerca de suas experiências ruins com “prestadores de serviços”, desde encanadores gananciosos até empregadas desonestas. Era uma gente que fingia ter se machucado no trabalho, que entrava na Justiça, surrupiava objetos da herança familiar. Era uma vergonha. A sociedade havia mudado. As pessoas tinham perdido toda e qualquer noção de honra, pessoas de todos os níveis sociais, do mais

alto ao mais baixo. Aliás, era a falta de integridade nos círculos mais elevados, no governo e sobretudo no empresariado, que mais o desanimava.

— Eu preferiria não utilizar os serviços de um estranho. Prefiro confiar a tarefa a um amigo — disse. — Para ser sincero, estou preocupado com a segurança.

Do lado de fora da minha janela, a menos de um quilômetro, um trem rangia e estrepitava ao atravessar a cidade, e de repente comecei a divagar. Eu levava uma vida estranha em Montana, resultado de muitas decisões igualmente estranhas. Oito anos antes, na primavera de 1990, eu me mudara de Nova York para fazer uma reportagem sobre uma seita religiosa que ali se preparava para o fim do mundo. A líder do grupo, uma mulher de meia-idade que dizia receber os espíritos de figuras lendárias como Buda, Sir Francis Bacon e Merlin, incitava seus seguidores a abandonar suas casas e a se mudar para um abrigo antibomba escavado no flanco de uma montanha. Comprei uma daquelas casas por um preço baixo (o fim do mundo é excelente motivação para vender um imóvel) porque pensava em usá-la como um refúgio onde pudesse escrever. Acabei ficando. Cinco anos mais tarde, outra atitude impulsiva: depois de dez meses de namoro, casei-me com Maggie, a filha de dezenove anos do escritor Thomas McGuane e da atriz Margot Kidder. Eu tinha 34 e fazia as coisas do meu jeito. Agora, passados três anos, esperávamos um filho e morávamos numa fazenda que eu havia comprado de impulso e não tinha ideia de como administrar.

— Não temos outra opção? — Clark perguntou.

Ele sabia que tínhamos. Como havia dito aos Piper no jantar da noite anterior, eu já tinha viajado de carro a Nova York em outra ocasião. Três anos antes, poucos meses após meu casamento, e me sentindo sufocado numa cidade de 7 mil habitantes escandalizados com o fato de eu ter me casado com uma adolescente, eu

alugara um pequeno apartamento no Flower District de Manhattan. Além disso, precisava de uma folga da minha nova sogra, que, para ficar perto de Maggie, voltara a morar em Livingston, depois de ter vivido ali no auge da boemia caótica da cidade, nos anos 1970. O breve casamento de Margot com o pai de Maggie tinha sido um bizarro produto cultural da época, repleto de estimulantes e infidelidade. O retorno àquele cenário a desestabilizou. Alguns meses depois do meu casamento, ela teve um colapso nervoso durante uma visita a Los Angeles. Na tentativa de escapar de assassinos imaginários, Margot disparara pelo aeroporto, jogara longe a dentadura e a bolsa e só foi reaparecer dias depois num bairro pacato de Glendale, morando debaixo de uma cerca viva no quintal de um estranho, com boa parte dos cabelos picotada. Voltou, então, para Montana, a fim de repousar e recuperar o juízo. Quando me dei conta, estava sentada em nossa sala de estar, sendo entrevistada por Barbara Walters, cuja equipe e equipamento haviam me expulso para os degraus da porta da frente, onde os vizinhos se aglomeravam em busca de um autógrafo da entrevistadora.

Eu não via a hora de sair daquele lugar. Carreguei minhas coisas no carro, enfiei Maggie num avião e me lancei pelas pradarias no meio de uma nevasca úmida e cinzenta que não cessou até que eu chegasse a Saint Paul, onde resolvi seguir viagem pelo Canadá, em vez de rumar para o sul e passar por Chicago. Só fui me acalmar já nas proximidades de Nova York. Por que eu não ficara em Manhattan?, me perguntava. E a resposta me veio à lembrança: porque não tinha dinheiro. Nova York tinha passado por uma faxina na minha ausência, e os preços dos imóveis dispararam. A epidemia de crack que grassava quando deixei a cidade tinha sido substituída pela de condomínios de luxo. Pior do que isso, meus velhos amigos de Princeton estavam ficando ricos, alguns deles graças aos apartamentos comprados naqueles mesmos condomínios, enquanto eu fugia às pressas para Montana. Suas roupas

provinham de lojas nas quais eu não me sentia digno nem de entrar, e suas festas de casamento eram abrilhantadas por bandas que tinham gravado discos de verdade, discos que faziam sucesso.

Antes de encerrar minha conversa com Clark, já me decidira a levar eu mesmo a cachorra. Foi preciso outra ligação para tratar dos detalhes, mas, quando ele me ofereceu uma “bela gratificação” como símbolo de sua “gratidão infinita”, nós dois compreendemos quais seriam as bases daquela nova amizade: ele iria me encantar com suas canções engraçadas, seus menus caninos e com o acesso a um círculo que eu imaginara vedado para mim; e eu retribuiria com aquela lealdade complacente que escritores reservam a suas personagens prediletas — aquelas que, dizem, não conseguiríamos inventar.